

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE PARANAÍBA
PÓS-GRADUAÇÃO
MBA GESTÃO ESTRATÉGICA DE ORGANIZAÇÕES**

**A IMPORTÂNCIA DA GESTÃO DO CAPITAL DE GIRO PARA O
SUCESSO DA MICRO E PEQUENA EMPRESA**

RENATA PEREIRA SANTOS

Paranaíba
2019

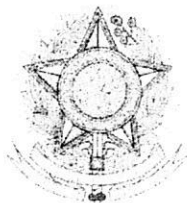
**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE PARANAÍBA
PÓS-GRADUAÇÃO
MBA GESTÃO ESTRATÉGICA DE ORGANIZAÇÕES**

**A IMPORTÂNCIA DA GESTÃO DO CAPITAL DE GIRO PARA O
SUCESSO DA MICRO E PEQUENA EMPRESA**

Monografia apresentado ao MBA Gestão
Estratégica e Organizações como requisito
parcial para obtenção do título de especialista
em Gestão Estratégica de Organizações

Orientador:
Prof. Dr. Alexandre Farias Albuquerque

Paranaíba
2019



CAMPUS DE PARANAÍBA
PÓS-GRADUAÇÃO
MBA GESTÃO ESTRATÉGICA DE ORGANIZAÇÕES

ATA DE DEFESA PÚBLICA

No dia 07 de novembro de 2019, às 16:00 horas, em sessão pública, nas dependências do Campus de Paranaíba (CPAR), da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), realizou-se a apresentação da monografia, sob o título "**A importância da gestão do capital de giro para o sucesso da micro e pequena empresa**", de autoria de **Renata Pereira Santos**, aluna da Pós-Graduação MBA Gestão Estratégica de Organizações. A Banca examinadora esteve constituída pelos professores: Alexandre Farias Albuquerque (presidente), Marçal Rogério Rizzo (membro) e Renata Gama e Guimaro Moura (membro). Concluídos os trabalhos de apresentação e arguição, a candidata foi APROVADA com Nota 8,0 / OITO pela Banca Examinadora. E, para constar, foi lavrada a presente Ata, que vai assinada pelo Presidente da Comissão do MBA e pelos membros da Banca Examinadora.

Paranaíba, 07 de novembro de 2019.

Prof. Dr. Alexandre Farias Albuquerque (presidente)
Orientador

Prof. Dr. Marçal Rogério Rizzo (membro)

Profa. Dra. Renata Gama e Guimaro Moura (membro)

Prof. Dr. Wesley Ricardo de Souza Freitas
Presidente da Comissão Especial do Curso Pós-Graduação
MBA Gestão Estratégica de Organizações
UFMS/CPAR

A IMPORTÂNCIA DA GESTÃO DE CAPITAL DE GIRO PARA A SOBREVIVÊNCIA/SUCESSO DA MICRO E PEQUENA EMPRESA

RENATA PEREIRA SANTOS¹

RESUMO

Em um mundo capitalista, o fator principal é o capital. Assim como o ser humano não sobrevive direta ou indiretamente sem dinheiro, mesmo que seja próprio ou de terceiros, as empresas também compartilham dessa mesma realidade. Pesquisas apontam um alto índice de mortalidade das MPEs, e um dos principais elementos elencados como responsáveis desse indicador é o capital de giro. Dessa maneira, é de suma importância a gestão do capital de giro, principalmente para as Micro e Pequenas empresas que têm maior escassez de recursos e maior dificuldade de obter capital de terceiros. Nesse contexto o objetivo desta pesquisa é demonstrar a importância da gestão do capital de giro para o sucesso ou fracasso das micro e pequenas empresas (MPEs), tendo por justificativa a importância dessa modalidade empresarial, tanto economicamente quanto socialmente, para o desenvolvimento do país. A metodologia utilizada foi bibliográfica, classificando o artigo como um ensaio teórico. Com base na pesquisa, concluiu-se que a gestão do capital de giro é um fator determinante para o sucesso ou fracasso empresarial, no entanto, é importante salientar que estudos apontaram, que nenhum fator isolado é capaz de ocasionar a mortalidade de um negócio, mas, havendo problemas nesse aspecto, acarreta-se por consequência outros problemas.

Palavras Chave: Mortalidade empresarial. Micro e Pequenas empresas. Capital de Giro.

1. INTRODUÇÃO

Em contexto geral, as grandes empresas detêm uma administração mais estruturada, maior controle e um capital mais expressivo; e mesmo para essas, a gestão do capital de giro é importante, tanto que há estudos pertinentes ao tema com empresas listadas na BM&FBOVESPA (atual B3) publicados nas revistas de contabilidade e controladoria (COSTA et al., 2013) e revista contemporânea de contabilidade (RECH et al., 2019).

Essas empresas, em grande parte, têm em seu quadro de funcionários, pessoas voltadas para análises estratégicas, além de dispor de maior tecnologia, recursos financeiros, maior facilidade de capital de terceiros com taxas baixas e, ainda assim, precisam se preocupar com a análise da necessidade de capital de giro.

Já as micro e pequenas empresas (MPEs), em cenário totalmente oposto, dispõem de muito menos ou nenhum recurso (financeiro, tecnológico e de pessoal) e por esse motivo são

¹ Graduada em Ciências Contábeis pelas FIPAR – Faculdades Integradas de Paranaíba

mais propensas a ações estratégicas errôneas, como diminuir preços ou aumentar prazos de pagamento, sem análise prévia e/ou ponderamento dos pontos positivos e negativos (MOURA, OLIVEIRA, 2007).

Em um mercado de grande concorrência e competitividade acirrada, alguns fatores podem ter grande influência para alavancagem ou insolvência do negócio. Fatores como prazo de estocagem, recebimento e pagamento, determinam o ciclo operacional e financeiro, e este interfere diretamente na necessidade de capital de giro empresarial (AMARAL, CASA NOVA, 2010).

A pesquisa se justifica, pois, grande parte das pesquisas são direcionadas às grandes empresas, embora a micro e pequena empresa tenha grande representatividade na economia brasileira, fato este comprovado pela pesquisa do SEBRAE (2014), a qual demonstra que aproximadamente 9 milhões de MPEs geram 27% do PIB, números esses que aumentaram nos últimos anos, acarretando o emprego e o sustento de milhões de pessoas e, conseqüentemente, de famílias.

No entanto, mesmo com ascensão dos números e evidenciando a sua essencialidade, há um preocupante aspecto no que tange a essa categoria empresarial, os elevados índices de mortalidade, os quais acarretam grandes prejuízos econômicos e sociais. Segundo o SEBRAE (2013), de cada 100 (cem) empresas abertas em 2007, 24 (vinte e quatro) não atingiram 2 anos de atividade (*apud* ALBUQUERQUE, ESCRIVÃO FILHO, TERENCE, 2016).

Segundo pesquisas de Albuquerque, Escrivão Filho e Terence (2016), os fatores de mortalidade podem ser classificados em internos e externos, ou relacionados ao proprietário-dirigente, à empresa e ao ambiente. Com relação à empresa (área de estudo da pesquisa) segmentou-se em operações, finanças e marketing e detalhou os fatores nessas respectivas áreas. Um dos elementos dentro de finanças atribuído à mortalidade das micro e pequenas empresas foi o capital inicial limitado ou a falta de capital de giro.

Visto que a falta de capital de giro é um dos fatores de mortalidade, faz-se importante uma boa gestão deste para a solvência empresarial. É um fator tão importante que Zouain et al. (2011, p. 866) afirmam que: “sem lucro a empresa fica estagnada ou encolhe, sem capital de giro, ela desaparece”.

Assim, o objetivo deste trabalho compreende demonstrar a importância da gestão de capital de giro para as MPEs que normalmente, por limitações, têm menos visão estratégica empresarial e utilizam mais fazejamento, do que planejamento e acabam não considerando todo o ciclo operacional e financeiro. Fazejamento é quando “cada um faz o que sabe com a melhor das intenções” (MURARA, 2012, p.1).

Piveta (2005, p. 4) relata que “muitas empresas pequenas, por escassez de caixa, fracassam exatamente no momento que na verdade estão tendo lucro”, e justifica que a “sobrevivência antecede o sucesso” e a única pré-condição para a sobreviver é a disponibilidade de dinheiro. “A administração do caixa é uma condição decisiva para a sobrevivência e o sucesso de uma pequena empresa”.

2. MICRO E PEQUENA EMRESA

Considerando o faturamento das empresas e segundo a Lei Complementar 123/2006 (BRASIL, 2006) classifica-as em quatro categorias os pequenos negócios:

- Microempreendedor Individual - Faturamento anual até R\$ 81 mil;
- Microempresa - Faturamento anual até R\$ 360 mil;
- Empresa de Pequeno Porte - Faturamento anual entre R\$ 360 mil e R\$ 4,8 milhões;
- Pequeno Produtor Rural - Propriedade com até 4 módulos fiscais ou faturamento anual de até R\$ 4,8 milhões.

No entanto, cada instituição tem suas particularidades acerca deste enquadramento, tanto que o SEBRAE opta por ter como critério a quantidade de funcionários; já o BNDES considera a receita operacional bruta anual (BNDES Carta Circular nº 64/2002) (PERUFO, GODOY, 2019).

Essa categoria empresarial tem grande importância econômica e social para o país, são responsáveis pela maior parte dos empregos gerados, tendo destaque o segmento de serviço (SEBRAE, 2014, p.55):

A importância das MPE no período 2009-2011 é realçada em todas as dimensões e em todas as atividades:

- No Setor de Serviços as MPE - geraram 36,3% do total do valor adicionado do setor; representavam 98,1% do número de empresas; empregaram 43,5% dos trabalhadores; e, pagaram 27,8% das remunerações de empregados no período;
- No Setor de Comércio as MPE - geraram 53,4% do total do valor adicionado do setor; representavam 99,2% do número de empresas; empregaram 69,5% do pessoal ocupado no setor; e, pagaram 49,7% das remunerações dos empregados do setor no período;
- No Setor Industrial as MPE – geraram 22,5% do valor adicionado do setor; representavam 95,5% do número de empresas; empregaram 42% do pessoal ocupado no setor; e pagaram 25,7% das remunerações de empregados no período.

Na economia, as micro e pequenas empresas também têm grande representatividade: o setor de comércio contribui com 53,4 % do PIB, as indústrias com 22,5 %, e os serviços com 36,3% (SEBRAE, 2014).

Em contexto geral, as MPEs representam 27% do Produto Interno Bruto (PIB), geram 44% dos empregos formais do setor de serviços e aproximadamente 70% do segmento do comércio o que, ratifica sua importância econômica e social e as concretiza como um fundamental pilar da economia nacional (RAMOS et al., 2017).

Verifica-se aqui a importância de estudos voltados para esse segmento empresarial, que além de grande representatividade econômica, tem grande impacto social com o alto índice de geração de empregos. Sendo assim, faz-se de grande valia avaliar os fatores que contribuem para o sucesso ou fracasso dessa modalidade empresarial.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO DOS FATORES DE SUCESSO/FRACASSO DAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS

A mortalidade empresarial é objeto de estudo há cerca de um século (AMANKWAH-AMOA, 2016; CARROL, 1983 *apud* ARAUJO, MORAIS, PANDOLFI, 2019). A partir de 1980, ou seja, há 39 anos, a sobrevivência das micro e pequenas empresas ganharam destaque frente à literatura organizacional, fato este ocorrido, principalmente, devido à representatividade dessas na economia nacional (ESCRIVÃO FILHO; ALBUQUERQUE; NAGANO; OLIVEIRA *apud* ARAUJO, MORAIS, PANDOLFI, 2019).

Mediante o alto índice de mortalidade de MPEs, foram surgindo alguns estudos em relação aos fatores contribuintes para essa realidade, como os estudos de: Albuquerque, Escrivão Filho; (2011); Amaral e Casa Nova (2010); Araújo, Moraes, Pandolfi (2019); Couto et al. (2017), Felipe et al. (2004); Perufo e Godoy (2019); Sales, Barros, Pereira (2011), SEBRAE (2016) e Souza (2010), dentre outros.

Nestes se conclui que um único fator isolado não é capaz de explicar a mortalidade das micro e pequenas empresas, portanto é necessário que haja um conjunto de fatores determinantes que impeçam a descontinuidade empresarial e, conseqüentemente, façam com que a empresa feche suas portas e encerre suas atividades e por conseguinte dispense, seus funcionários.

Alguns fatores são apontados como os principais contribuintes para o fim das atividades:

- SEBRAE (*apud* BORGES, LEAL, 2015): falta de capital, falta de clientes combinada com inadimplência, problemas de planejamento e gestão;
- Bowen et al., (*apud* ARAUJO, MORAIS, PANDOLFI, 2019); Carter & Van Auken (*apud* ARAUJO, MORAIS, PANDOLFI, 2019); Felipe et al., (*apud* ARAUJO, MORAIS,

PANDOLFI, 2019): a falta de capital de giro, o ponto inadequado para atividade da empresa e os problemas financeiros;

- Bonacim et al. (*apud* ARAUJO, MORAIS, PANDOLFI, 2019) e Zouain et al. (2011); Machado e Espinha (*apud* ARAUJO, MORAIS, PANDOLFI, 2019): falta de planejamento, de controle financeiro e de capital de giro;
- Copat, Martinewski, Villela (*apud* RAMOS et al., 2017) e Machado (*apud* RAMOS et al., 2017): capital de giro.

Faria, Azevedo e Oliveira (2012) mencionam que muitas vezes os gestores das micro e pequenas empresas desconhecem a real situação econômica e financeira da empresa, fato este que pode acarretar prejuízos ou até mesmo o fracasso da empresa.

Devido ao fato de que depende de um conjunto de fatores a ocorrência da mortalidade empresarial, há variações quanto aos fatores encontrados nas pesquisas, havendo discrepância entre um ou outro elemento. Mas há fatores bem frequentes como o capital de giro, apontado acima por todos os autores como um aspecto que interfere no resultado empresarial de sucesso e fracasso. No relatório de pesquisa do SEBRAE - MG (2004) o capital de giro é indicado como o elemento crucial para o encerramento das atividades por 45,8% dos respondentes. O SEBRAE- SP (*apud* LIMA, TOME, 2018) afirma que 19 % (maior percentual) de 526 entrevistados se referem ao capital de giro como o principal agente para o fim do negócio.

Nesse sentido, Palermo (2002 *apud* ZOUAIN et al, 2011) ratifica o problema de capital explanando que grande parte das ramificações dos problemas dessa categoria empresarial são originados pela falta de capital na iniciação da empresa.

Em um país de economia capitalista como o Brasil, o dinheiro é fundamental, principalmente no universo dos negócios, e antes que se inicie uma empresa, faz-se necessário calcular quanto o empresário terá que dispor para o início da mesma, considerando o ciclo financeiro e operacional, para minimizar problemas de capital de giro, pois de acordo com Rech et al. (2019, p. 153) “o capital de giro é um fator importante para a manutenção da liquidez, solvência e rentabilidade de uma empresa”.

4. A GESTÃO DE CAPITAL DE GIRO NAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS E SEU IMPACTO EMPRESARIAL

Em sentido amplo “o capital de giro representa os recursos demandados por uma empresa para financiar suas necessidades operacionais, identificadas desde a aquisição de

matérias-primas (ou mercadorias) até o recebimento pela venda do produto acabado” (ZOUAIN et al, 2011, p. 866).

Hozí (2004, p.117 *apud* AMARAL, CASA NOVA,2010) define capital de giro como:

Aquele que corresponde aos recursos aplicados em ativos circulantes, que se transformam constantemente dentro do ciclo operacional. É também conhecido como capital circulante. É o capital que fica girando dentro da empresa, e a cada vez que sofre transformação em seu estado patrimonial, produz reflexo na contabilidade. Até transformar-se novamente em dinheiro, o valor inicial do capital de giro vai sofrendo acréscimo a cada transformação, de modo que, quando o capital retornar ao estado de dinheiro, ao completar o ciclo operacional, deverá ser maior que o valor inicial.

Seguindo essa premissa, pode-se dizer que capital de giro é todo dinheiro aplicado para financiar o ciclo financeiro empresarial.

Rech et al. (2019) diz que em um mundo de aspiração da administração financeira não existiria capital de giro, as operações de compras seriam a prazo, vendas à vista e o estoque inexistente. No entanto, trabalhar dessa forma é quase impossível, visto que se todos seguissem esse pensamento haveria um impasse, já que a venda de um é a compra de outro. Estes autores ainda afirmam que a administração do capital de giro tem grande relação com o sucesso ou fracasso empresarial, justificando que as previsões de longo prazo dependem do curto prazo.

Em levantamento do SEBRAE (2007) a má gestão do capital de giro foi apontada como principal causa da mortalidade das MPEs. A pesquisa de Domingues et al. (2017), com 2.000 MPEs e 800 MEIs do Estado de São Paulo, obteve um resultado que pode justificar esse fator: 39% dos empreendedores não tinham conhecimento de quanto deveriam dispor de capital de giro para abrir o negócio (MOTERLE, WERNKE, JUNGES, 2019).

A gestão do capital de giro é importante para equilibrar e controlar, principalmente, as entradas e saídas do caixa, pois a ausência dessa administração implica, muitas vezes, na mortalidade do negócio, geralmente porque elas são menores, e os recursos, na grande maioria, limitados; pequenos tropeços desequilibram todo o negócio, já que sem lucro a empresa aguarda por uma recuperação, mas sem capital de giro ela não sobrevive (ZOUAIN et al, 2011).

Nesse mesmo raciocínio, “estudos realizados em diversos países destacam a importância da gestão do capital de giro como determinante para um bom desempenho econômico financeiro” (DELOOF, 2003; PADACHI, 2006; RAHEMAN; NASR, 2007; DONG; SU *apud* COSTA et al, 2013, p. 66). Na mesma linha, Padachi (*apud* RECH et al, 2019) equipara o capital de giro ao sangue essencial para manter a vida.

O fator determinante para o capital de giro são as vendas, já que determinam o volume de compras e, por conseguinte, a quantidade de estoque, e o valor a receber. Vale ressaltar que

qualquer alteração nesses elementos impactará no capital de giro: se aumentam as vendas, tem que se dispor de maior estoque e o valor do recebível aumentará; se eleva o crédito, impulsiona as vendas e a conta cliente aumenta; se diminui o percentual de lucro, vende-se mais; em contrapartida, precisa-se de maior capital de giro para estoque e financiamento do crédito.

As estatísticas apresentam bem essa realidade: os empresários muitas vezes criam estratégias para alavancar as vendas e, em grande maioria, por não terem visão do ciclo operacional como fator determinante, podem ter mais malefícios do que benefícios.

Santana, Backes e Demarchi (2009, p. 175) trazem a seguinte situação:

...trabalhando-se com preços menores as margens da empresa tendem a reduzir. Uma das saídas para fugir desse horizonte sombrio consiste em aumentar os volumes de produção e vendas. Ora, pois, se não se pode ganhar mais por unidade vendida, aumentado-se o volume de produção e vendas, a margem líquida final também crescerá.[...] Assim, se a saída encontrada para manter a lucratividade for o aumento dos volumes, isso implicará o crescimento proporcional da Necessidade de Capital de Giro e, se o Capital de Giro Disponível não for suficiente para fazer frente a essa nova realidade, a empresa poderá ter dificuldades financeiras.

Nessa mesma perspectiva, Piveta (2005) relata que é preciso ter consciência das decisões tomadas, uma vez que conceder prazo para pagamento ou descontos aos clientes, pode acarretar a essencialidade de recursos para honrar as obrigações, sendo que a negativa de conseguir captação de capital incorre em despesas financeiras.

Em complemento, Amaral e Casa Nova (2010) listam fatores que podem desencadear a insuficiência de capital de giro: “redução de vendas; aumento de vendas (devido ao efeito tesoura, onde se cresce tanto que não se consegue os recursos para este crescimento); crescimento da inadimplência; aumento das despesas financeiras e aumento de custos”.

Outro ponto a ser cuidado são os estoques: se for excessivo, o capital fica todo imobilizado e o empresário não conseguirá ter giro suficiente para o pagamento das obrigações, se for pouco, não conseguirá atender a necessidade do cliente, por isso este é um fator que requer muito equilíbrio.

A insolvência empresarial pode ser decorrente da insuficiência de capital e pela inobservância dessa carência, por isso é essencial o monitoramento de todas as etapas, já que a saúde financeira do negócio se encontra nessas operações (ZOUAIN et al, 2011).

Zouain et al (2011, p. 881-882) relaciona cinco ações que eliminam ou previnem a insuficiência de capital de giro (quadro 1):

CONTROLAR A INADIMPLÊNCIA	A inadimplência é decorrente de dois fatores: crise econômica ou política da empresa; no primeiro caso tem-se pouco controle, já no segundo a solução é basicamente dar mais atenção à qualidade das vendas do que a seu volume.
NÃO FINANCIAR O CAPITAL DE GIRO A QUALQUER CUSTO	Segundo Santos (2001), na tentativa de suprir a insuficiência de capital de giro, muitas empresas utilizam empréstimos de custo elevado. Como regra, qualquer dinheiro captado a um custo maior do que 1,17% ao mês (ou 15% ao ano), em termos reais, é compatível com a rentabilidade normal da empresa, que é de 15% ao ano, também em termos reais. O financiamento de capital de giro a uma taxa real maior do que 1,17% ao mês pode resolver o problema imediato de caixa da empresa, mas cria outra dificuldade, a liquidação da dívida.
ALONGAR O PERFIL DO ENDIVIDAMENTO	Quando há negociação para que o prazo de pagamento seja mais longo, há uma postergação da saída de caixa, é válido ressaltar que não é uma solução definitiva, mas ajuda a dispor de menos capital de giro, outro ponto a ser observado é que o custo desse alongamento de prazo precisa ser suportado pela rentabilidade da empresa.
REDUZIR CUSTOS	Uma vez que a empresa com problema de capital de giro também estará com sua capacidade de investimento comprometida, a redução de custos por meio de processos como modernização, automação ou informatização não será possível. Diante de uma crise de capital de giro, o programa de redução de custos tem natureza compulsória e seu grande desafio é identificar os itens de gastos que possam ser cortados sem grandes prejuízos para as atividades da empresa.
ENCURTAR O CICLO OPERACIONAL	Para Gitman (2001), quando a empresa encurta seu ciclo operacional, suas necessidades de capital de giro são reduzidas. Na indústria, a redução do ciclo operacional acarretará menor tempo para produzir e, em consequência, para vender. No comércio, essa redução significa um giro mais rápido dos estoques. Na atividade de serviços, a redução do ciclo econômico equivale a trabalhar com um cronograma mais curto.

Quadro 1 – Ações que previnem a insuficiência de capital de giro
 Fonte: Adaptação Zouain et al (2011)

Piveta (2005) e Amaral e Casa Nova (2010) apontam o fluxo de caixa como uma ferramenta que auxilia no problema de capital de giro. Ambos os autores apontam esse instrumento por sua facilidade de compreensão: quanto capital seria necessário para o desenvolvimento das atividades, proporciona uma visão operacional, econômica e financeira, além de dar condições de analisar e avaliar as possibilidades de ampliação das atividades do negócio.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Micro e Pequenas empresas têm significativo impacto econômico e social no Brasil, e há grande discrepância da realidade das grandes organizações, sendo importantes os estudos específicos que se adequem à realidade dessa modalidade empresarial.

Pesquisas específicas das MPEs sobre os fatores de mortalidade apontam que é necessária, a junção de fatores para que haja essa incoerência, sendo a má gestão do capital de giro um fator recorrente no que tange ao fracasso empresarial.

Em um mundo capitalista, o capital é essencial em qualquer negócio, e sua gestão é determinante para seu sucesso ou fracasso, por isso toda ação deve ser previamente analisada, uma vez que, é comum nas MPEs tomadas de decisões não serem baseadas nos números.

É sabido que o empreendedor não determina ações com intuito de ter prejuízo, as ações são realizadas para alavancar o sucesso; no entanto, nem sempre é o que acontece, justamente por não considerar o ciclo operacional e analisar se detém capital de giro suficiente para assegurar a saúde financeira do seu empreendimento.

Em um cenário no qual grande parte das MPEs tem escassez de recursos, logicamente tem-se a necessidade de um ciclo operacional mais curto, e pouco ou nenhum espaço para erros. Considerando que qualquer ação impactará seu capital, seja quantidade de compra, a forma de pagamento ou o prazo, a gestão do capital de giro é determinante para o sucesso ou fracasso empresarial.

REFERÊNCIAS (Não foi corrigido pelo professor).

ALBUQUERQUE, A. F.; ECRIVÃO FILHO, E.; TERENCE, A. C. F. Aspectos funcionais associados à mortalidade da pequena empresa: fatores relevantes de operações, finanças e marketing no varejo de vestuário. In: 9º Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas [EGEPE]. (pp.1-16). Passo Fundo, RS, **Anais...** Passo Fundo, 2016.

ALBUQUERQUE, A. F.; ECRIVÃO FILHO, E. Fatores de Mortalidade de Pequenas Empresas: uma Análise da Produção Acadêmica no Período 2000-2010. In: V Encontro de Estudos em Estratégia. 2011. Porto Alegre, RS, **Anais...** Porto Alegre, 2011.

AMARAL, J.; CASA NOVA, S. P. C. Os fatores de insucesso das empresas de pequeno porte e a Contabilidade: um estudo em unidades lotéricas. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v.5, n.2. p. 103-119, jul/dez. 2 010.

ARAÚJO, F. E.; MORAIS, F. R.; PANDOLFI, E. S. A fábula dos mortos-vivos: determinantes da mortalidade empresarial presentes em micro e pequenas empresas ativas. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas - REGEPE**, v. 8, n. 2, p. 250-271, maio/ago. 2019.

BORGES, L. F. M.; LEAL, E. A. Utilidade da informação contábil gerencial na gestão das micro e pequenas empresas: um estudo com empresas do Programa Empreender de Uberlândia – MG. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas - REGEPE**, v.4, n.3, 2015.

Brasil. (2006). **Lei Complementar no 123, de 14/12/2006**. Institui o Estatuto Nacional da Microempresa e da Empresa de Pequeno Porte. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LCP/Lcp123.htm>. Acesso em julho 2019.

COSTA, R. B. L. da et al. A influência da gestão de capital de giro no desempenho financeiro de empresas listadas na BM&FBOVESPA (2001-2010). **Rev. Contabilidade e Controladoria [RC&C]** [online] SSN 1984-6266 Universidade Federal do Paraná, Curitiba, v. 5, n.1, p.65-81, jan./abr.2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rcc/article/view/29544/20930>. Acesso em junho 2019.

COUTO, M. H. G. et. al. Mortalidade precoce das micro e pequenas empresas: estudo das principais causas de falência empresarial em Bambuí/MG. **Revista da Micro e Pequena Empresa - RMPE**, v.11, n.3, p. 39-53, 2017.

FARIA, J. A.; AZEVEDO, T. C.; OLIVEIRA, M. S. A utilização da Contabilidade como ferramenta de apoio à gestão nas micro e pequenas empresas do ramo de comércio de material de construção de Feira de Santana/BA. **Revista da Micro e Pequena Empresa - RMPE**, n.2, p. 89-106, mai./ago. 2012.

FELIPPE, M. C.; ISHISAKI, N.; KROM, V. Fatores condicionantes da mortalidade de pequenas e médias empresas na cidade de São José dos Campos. In: Seminários em Administração – SEMEAD. 7. 2004, São Paulo, **Anais...** São Paulo, 2004.

LIMA, V. R.; TOMÉ, A. S. A importância da adoção de um planejamento financeiro para a gestão e crescimento das pequenas empresas. **Revista Eletrônica Gestão e Serviços**, v.9, p. 2190-2206, jan./jun. 2018.

MOTERLE; WERNKE; JUNGES. Conhecimento sobre gestão financeira dos dirigentes de pequenas empresas do Sul de Santa Catarina. **Revista de Administração, Contabilidade e Economia - RACE**, v.18, n.1, p.31-56, 2019.

MOURA, R. G. G; OLIVEIRA, O. F. Planejamento financeiro como estratégia para a obtenção de resultados nas pequenas empresas – um estudo de caso. In: Seminários em Administração – SEMEAD. 10. 2007, São Paulo, **Anais...** São Paulo, 2007.

MURARA, Marco Antônio. Fazejamento: ascensão e queda do pequeno negócio. Disponível em: < <http://professormurara.wordpress.com/>. Publicado em 01 out. 2012. Acesso julho 2019.

PERUFO, L. D.; GODOY, L. P. Mortalidade de microempresas: um estudo de campo realizado com microempresários da região centro do Estado do Rio Grande do Sul. **Revista Pretexto**, v.20, n.1, p. 11-27, jan./mar. 2019.

PIVETTA, G. A utilização do fluxo de caixa nas empresas: um modelo para a pequena empresa. **Revista Eletrônica de Contabilidade**, v.1, p.3-6, dez/2004-fev/2005.

RAMOS et al. Práticas de gestão financeira de curto prazo das pequenas e médias empresas do meio oeste catarinense: In: THE INTERNATIONAL COUNCIL FOR SMALL BUSINESS - ICSB WORLD CONFERENCE. 62. 2017, Buenos Aires, **Anais...** Buenos Aires, 2017.

RECH, José Ilírio et al. Análise da relação entre rentabilidade e estratégias de gestão do capital de giro das empresas listadas na B3. **Rev. Contemporânea de Contabilidade** [online] ISSN 2175-8069, UFSC, Florianópolis, v. 16, n. 38, p. 150-165, jan./mar. 2019. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/contabilidade/article/view/2175-8069.2019v16n38p150/40182>. Acesso junho 2019.

SALES, R.; BARROS, A.; PEREIRA, C. Fatores condicionantes da mortalidade dos pequenos negócios em um típico município interiorano brasileiro. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, n.1, p. 68-84, jan./abr. 2011.

SANTANA, Marcelo Rodrigues; BACKES, Marcio Gislan; DEMARCHI, Valquíria. Gestão do capital de giro à luz da relação custo/volume/lucro. **Revista Brasileira de Contabilidade**, [S.l.], n. 175, p. 38-49, mar. 2012. ISSN 2526-8414. Disponível em: <<http://rbc.cfc.org.br/index.php/rbc/article/view/836>>. Acesso em julho 2019.

SEBRAE - MG. **Relatório de Pesquisa – Fatores Condicionantes e Taxa de Mortalidade de Empresas no Brasil**. SEBRAE MINAS GERAIS: Belo Horizonte, 2004.

SEBRAE - NA. **Micros e pequenas empresas geram 27% do PIB do Brasil**. SEBRAE NACIONAL: Brasília, 2014.

SEBRAE - NA. **Sobrevivência das empresas no Brasil**. SEBRAE NACIONAL: Brasília, 2016.

SOUZA, R. A. Estudos sobre endividamento na pequena empresa: pesquisa bibliométrica nos eventos EnANPAD de 2005 a 2009. In: Seminários em Administração – SEMEAD. 13. 2010, São Paulo, **Anais...** São Paulo, 2010.

ZOUAIN, Deborah Moraes et al. Gestão de capital de giro: contribuição para as micro e pequenas empresas no Brasil. **Rev. Adm. Pública**[online]. 2011, vol.45, n.3, pp.863-884. ISSN 0034-7612. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-76122011000300013>. Acesso junho 2019.